



## Sobre a analogia na reflexão saussuriana

### *On analogy in Saussurian reflection*

Maria Fausta Pereira de Castro\*

(Universidade Estadual de Campinas - Instituto de Estudos da Linguagem/  
Departamento de Linguística - Campinas - São Paulo - Brasil)

#### ABSTRACT

*This article tracks Saussurean thought in its conception of the phenomenon of analogy as a creative activity distinct from phonetic change. The theme's complexity is at least partly due to the fact that analogy participates, at the same time, both in speech and language — what includes the speaker in his/her relation with the functioning of language's mechanism — and to the fact of it being situated at the intersection of the synchronic and diachronic axes. It is at the junction of time that one observes the difference between the analogical creations of adults, which may eventually be adopted by language, and those of the child, which, for Saussure, have no future in language.*

**Key-words:** *analogy; language; speech; language's mechanism; speaker.*

---

\* A autora é pesquisadora do CNPq - proc. 306449/2017-0.



This content is licensed under a Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use and distribution, provided the original author and source are credited.

**RESUMO**

*Este artigo acompanha o pensamento saussuriano na sua concepção do fenômeno da analogia como uma atividade criativa distinta da mudança fonética. A complexidade do tema se deve, pelo menos em parte, ao fato de a analogia participar ao mesmo tempo da fala e da língua - o que inclui o falante na sua relação com o funcionamento do mecanismo da língua - e ao fato de se situar no cruzamento dos eixos sincrônico e diacrônico. É no entroncamento do tempo que se observa a diferença entre a criação analógica do adulto, que pode vir a ser adotada pela língua e a da criança que, para Saussure, não tem futuro na língua.*

**Palavras-chave:** *analogia; língua; fala; mecanismo da língua; falante.*

Todos conhecemos os capítulos do Curso de Linguística Geral<sup>1</sup> (Saussure 2008 [1916]) dedicados à analogia e, recentemente, com a publicação dos Escritos de Linguística Geral<sup>2</sup> (Saussure 2004 [2002]), podemos ler nas conferências proferidas pelo autor em 1891 passagens em que a analogia é também tematizada. Em todos esses textos Saussure recorre com certa frequência à linguagem da criança para ilustrar o fenômeno da criatividade na língua.

A fala da criança não é hoje o meu tema, mas não é possível tratar da analogia sem mencionar o fato de que para o autor “ não há melhor maneira de perceber o que é isso do que escutar falar [...] uma criança de três a quatro anos” (Saussure 2004:139), que oferece ao olhar do pesquisador um modo singular de habitar a linguagem e, ao mesmo tempo, “o princípio que não cessa de agir na história das línguas” (Saussure 2004:140); donde o interesse pela criatividade sincrônica da fala da criança.

Na recuperação dessas passagens se encontram também os argumentos para o problema da memória, que Saussure aborda ora recorrendo a uma hipótese que dá ênfase à relação entre criação ou transformação e o eixo associativo da linguagem, ora lançando mão de uma terminologia que remete à memória nos moldes da psicologia da época, como *locus* de um armazenamento do signo na sua completude

1. De agora em diante *CLG*. A primeira edição brasileira do *Curso* foi publicada em 1970..

2. De agora em diante *ELG*.

estável – significante e significado. Contudo, este último argumento não é de forma alguma conclusivo; o tema da analogia se densifica ao longo da reflexão saussuriana na tensão entre o princípio de criação e o funcionamento do eixo associativo.

Cito duas passagens em que a analogia na fala da criança é associada ao problema da memória. Ao analisar um erro comum às crianças francesas - o uso de *venirai* em lugar de *viendrai*, primeira pessoa do futuro simples do verbo *venir*<sup>3</sup> o autor se pergunta:

Como *je venirai*? Para isso é preciso que, em primeiro lugar, a criança conheça *venir* e que **associe**, em seu espírito, a idéia contida em *venir* com a que deseja exprimir; mas isso não basta; é preciso, em segundo lugar, que ela tenha ouvido dizer *punir* : *punirai*= *venir* :*venirai* [...].

Observemos em seguida, uma das características desse fenômeno: em certo sentido, isso não é uma transformação, é uma criação; mas em última análise não passa de uma transformação, já que todos os elementos de *venirai* estão contidos nas formas existentes, fornecidas pela memória: por ex. *punirai*, *punir*; o sufixo *ir*, o sufixo *irai* e sua relação de significação (Saussure 2004: 140).

Nessa primeira parte de suas observações Saussure põe em relação de equivalência os termos memória e associação.

Contudo, é ao procurar explicar porque a operação de analogia é mais viva e mais fértil na criança que Saussure faz apelo a uma hipótese psicológica da época, de armazenamento gradativo do tesouro da língua, deixando para segundo plano as funções do eixo associativo. Mas, ao final do excerto, a analogia como recurso aos brancos de memória<sup>4</sup> se estende a qualquer falante, o que abre a perspectiva para uma hipótese sobre a relação do falante com a ordem própria da língua. É

[...] porque sua memória ainda não teve tempo de armazenar um signo para cada idéia e, por conseguinte, ela [a criança] se vê obrigada a confeccionar, a cada instante, esse signo. Ora, ela o fabricará sempre de acordo com o procedimento da analogia. É possível que, se o poder e a precisão de nossa memória fossem infinitamente superiores ao que são, as novas formações por analogia fossem reduzidas a quase nada na vida da linguagem. Mas, na realidade, não é esse o caso (Saussure 2004: 140).

3. Vir.

4. Ver-se-á ao longo deste artigo que para o autor há sempre uma falta no falante; ele nunca terá armazenado todo o tesouro da língua.

Já no primeiro curso, a partir das notas tomadas por Riedlinger (1996)<sup>5</sup> e editadas em edição bilingue por Komatsu e Wolf, vê-se que Saussure distingue a mudança fonética da analogia: “todas as modificações normais da língua que não procedem da mudança fonética são efeitos da analogia”<sup>6</sup> (Saussure/Riedlinger 1996:55). Esta última é unificadora e trabalha contra as mudanças fonéticas.

Tanto nas notas de Riedlinger, como no CLG e também na segunda Conferência na Universidade Genebra, a operação de analogia é reconhecida como um funcionamento nos moldes da quarta proporcional, que explicaria também o modelo seguido pela criança, ainda que sua criação não tenha futuro na língua.<sup>7</sup>

Como operação que se dá no corte sincrônico, a analogia remete a uma forma criada à imagem de outra por associação. Foi o que ocorreu, por exemplo, com o nominativo latino *honor*: inicialmente se dizia *honōs:honōsem*, mas por rotacismo do *s*, *honōs:honōrem*, e por associação a *ōratōrem :ōrātor = honōrem : x* (onde *x = honor*). A operação de analogia agiu no sentido inverso da ação diversificante da mudança fonética e restabeleceu a regularidade na língua unificando as formas.

Nesse sentido, não há criação *ex nihilo*; as inovações se dão na organização interna do sistema de língua ou, como prefere Saussure, (2004:140) “cada inovação é uma nova aplicação de elementos fornecidos pelo estado anterior da linguagem”.

No procedimento da analogia há invocação de outras formas, mas a operação não implica necessariamente o desaparecimento daquela que foi substituída- *honōs* conviveu um certo tempo com *honor* - ao passo que a mudança fonética só introduz algo de novo novo anulando o que a precede; este foi o caso de *honōsem*, em que não há comparação com

5. O primeiro curso, anotado por Riedlinger, é quase todo dedicado a tópicos filológicos do século XIX, como por exemplo, a mudança fonética versus a analogia; esta é uma das razões por que o acompanho mais de perto neste texto. É sempre bom lembrar que esse curso ocorreu no ano escolar 1907-1908.

6. « *Tou <tes> les <modifications normales de la langue qui ne viennent pas du changement>phonétique <sont des effets de> l’analogie* ».

7. Essa questão é tratada em Pereira de Castro (2006 ; 2010).

outras formas, nem intervenção do sentido das palavras: “é o cadáver da forma *honōsem* que passa a *honōrem*” ( Saussure 2008:192)

Ao recorrer ao algoritmo da quarta proporcional, modelo matemático pelo qual se expressa um movimento em favor da regularidade, Saussure não deixa de advertir que “ela [a analogia] tem seus caprichos”, revelados pelo fato de não se poder dizer de antemão qual a extensão do movimento de associação a um modelo - há formas que por uma razão ou por outra resistem à analogia - e nem se poder determinar “quais os tipos destinados a provocá-la” ( Saussure 2008:188).

Entre o movimento regularizador e os caprichos da analogia encontra-se o sujeito falante, que introduz o grão de imprevisibilidade no fenômeno. Sua presença inquestionável na operação se dá a ver na extensa reflexão saussuriana sobre a ordem “psicológica” e “gramatical” da analogia, sobre a língua e a fala e nas oscilações entre a atribuição de consciência e inconsciência do falante na sua relação com o tesouro da língua.

Em uma das passagens em que estão em confronto a mudança fonética e a analogia é possível observar a preocupação de Saussure em separar língua e fala na criação analógica. Não basta dizer que a analogia é de ordem psicológica, esse fato não a distingue totalmente da mudança fonética, é preciso afirmar sua natureza gramatical, mas, ao fazê-lo, cumpre destacar o papel da fala e do falante na operação e se pôr frente ao ato de fala para compreender a operação de analogia.

Por conseguinte, tudo é gramatical na analogia; acrescentemos, porém, imediatamente, que a criação, que lhe constitui o fim, só pode pertencer, de começo, à fala; ela é a obra ocasional de uma pessoa isolada. É nessa esfera, e à margem da língua, que convém surpreender primeiramente o fenômeno. Cumpre, entretanto, distinguir duas coisas: 1º a compreensão da relação que une as formas geradoras entre si; 2º o resultado sugerido pela comparação, a forma improvisada pelo falante para a expressão do pensamento. Somente esse resultado pertence à fala. (SAUSSURE 2008: 192).

As outras formas, geradoras ou inspiradoras, pertencem à língua, são apenas sentidas em uma “semi-inconsciência”; não vêm à superfície da fala, permanecem “subconscientes, nas profundezas do pensamento (...)” (Saussure/ Riedlinger 1996: 64-65).

Nessas passagens o termo pensamento deve ser lido como “associação” ou “relações associativas”; é por associação que uma forma tradicional existente é substituída por outra, como já mencionado aqui. Essa é também a leitura que faz Amacker.

A analogia é entretanto um “processo psicológico”, em todo caso em um de seus aspectos; pode-se supor que ela pertence, ao menos parcialmente, à faculdade da linguagem ou à parte ativa da execução na fala por meio da vontade (...). A analogia é assim criativa, e sua dinâmica produtiva se apoia na língua, sobre um grupo associativo chamado na ocasião de “grupo gerador”, que permite justamente a “associação” (...) (Amacker 1975: 198, ênfase nossa).<sup>8</sup>

(...)

Na acepção mais ampla a que chega a crítica de Saussure, a analogia é apenas a face criativa do mecanismo linguístico; em outras palavras, analogia e mecanismo associativo-sintagmático (permitindo a análise dos signos complexos) são dois aspectos de uma mesma realidade. (Amacker 1975: 205).<sup>9</sup>

A oposição entre língua e fala na abordagem do fenômeno da analogia lança luz sobre o falante, enquanto sujeito da fala e sujeito da língua, posições não coincidentes na teorização saussuriana, mas nem sempre totalmente esclarecidas, como aliás se pode ler neste mesmo volume no artigo de Karen A. da Silva<sup>10</sup>, quando a autora explora o alcance da noção de “sentimento” do falante na analogia, como também nas inúmeras menções do próprio Saussure à psicologia.

8. “L’analogie est néanmoins un “processus psychologique” (2491 B), en tout cas dans un de ses aspects ; on peut donc supposer qu’elle appartient, au moins partiellement, à la *faculté du langage* ou à la partie active de l’exécution dans la parole au moyen de la volonté (...). L’analogie est ainsi créatrice, et sa dynamique productive s’appuie dans la langue, sur un groupe associatif appelé pour l’occasion « groupe générateur » (2492 B) qui permet justement l’« association ». (Os números entre parênteses correspondem à numeração dos versículos do *Cours de Linguistique générale* na edição crítica de Rudolf Engler (1989)).

9. « Dans l’acception plus large sur laquelle débouche la critique de Saussure, l’analogie n’est que la face créatrice du mécanisme linguistique ; autrement dit, analogie et mécanisme associativo- syntagmatique (permettant l’analyse des signes complexes) sont deux aspects d’une même réalité ».

10. “ Da analogia e do sentimento do sujeito falante em Saussure”.

Tudo o que diz respeito à língua é para Saussure interno, um reservatório individual, nunca completo; nessa esfera não há jamais premeditação nem mesmo “meditação, reflexão sobre as formas, fora do ato, < da ocasião > da fala, salvo uma atividade inconsciente, quase passiva, em todo caso não criativa: a atividade de classificação” (*classement*), sem a qual a fala e a linguagem não seriam concebíveis. “A necessidade de uma classificação, de uma ordem qualquer é uma necessidade a priori mesmo sem pôr na frente a psicologia”<sup>11</sup> (Saussure/Ridlinger 1996:65-66), isto é, “mesmo sem considerar” o ato de fala, a *mise en discours*, parte ativa da execução da fala, que considerada como volitiva<sup>12</sup> separa a língua da fala, o psicológico do psíquico; este último da ordem da língua, se se quer fidelidade a um dos capítulos centrais do CLG, o capítulo sobre o valor linguístico.

As oscilações no encaminhamento desses argumentos não são poucas, a julgar pelas interpretações diversas sobre o psicológico, como aquela de Amacker sobre a fala, reduzida, em certos momentos, ao seu aspecto volitivo, uma “faculdade individual extralinguística” ( cf. nota 12).

Por sua vez, a caracterização da atividade de classificação se impõe para o entendimento do funcionamento da língua como sistema. Enquanto atividade criativa a analogia “deve ser antes organizadora pela classificação dos materiais recebidos e armazenados” (Saussure/

11. « (...) méditation, de réflexion sur les formes, en dehors de l'acte, < de l'occasion > de la parole, sauf une activité inconsciente, presque passive, en tous cas non créatrice: l'activité de classement».

« (...) La nécessité d'un classement, d'un ordre quelconque est une nécessité a priori même sans mettre en avant la psychologie ».

12. Amacker (1975) sustenta que o fato analógico, “resulta da aplicação do mecanismo linguístico; está no entroncamento de duas dicotomias saussurianas fundamentais: a analogia participa ao mesmo tempo da fala *no seu aspecto volitivo*, isto é, sobretudo de uma *faculdade individual extralinguística*, e da língua; está também no cruzamento das perspectivas diacrônica e sincrônica (...)” (1975: 200. Ênfase nossa). Na sequência da reflexão saussuriana, que este trabalho procura em parte acompanhar, é possível ler uma distinção entre dois pontos de vista na consideração da fala no mecanismo da analogia).

« Le fait analogique, qui résulte de l'application du mécanisme linguistique, est au carrefour de deux dichotomies saussuriennes fondamentales : l'analogie participe à la fois de la parole dans son aspect volitif, c'est-à-dire plutôt d'une faculté individuelle extralinguistique, et de la langue ; et elle se trouve au croisement des perspectives diachronique et synchronique (...) ».

Riedlinger1996: 71). A classificação corresponde ao tesouro da língua, que a fala põe em ação.

Do ponto de vista dessa organização, como funcionamento, na associação há:

1 - “aproximação de formas”, isto é, cada unidade do sistema é logo associada a outras unidades análogas nas mais diferentes séries, mas não há nunca identidade completa, há apenas uma “comunidade de forma e de sentido”, que é sempre parcial. Esse movimento de aproximação seria o que há de mais elementar na associação.

2 - “fixação de valor”: a própria língua “aprecia” o jogo de semelhanças e oposições entre palavras análogas nas diferentes séries.

3 - e uma “análise involuntária” (por uma “operação subconsciente”) do primeiro dado, aquele que deu início à aproximação das formas com outras séries, condição para a formação do sintagma.

Entende-se assim a conclusão de Saussure de que “toda aproximação das analogias implica também a aproximação das diferenças” (Saussure /Riedlinger1996: 67);<sup>13</sup> movimento garantido pela própria natureza do sistema de língua, em que um signo é o que o outro não é.

Quando se trata da formação do sintagma, do ordenamento no eixo sintagmático, que também é constitutivo da classificação interior, a análise vai além do reconhecimento das unidades incluindo o reconhecimento de uma ordem de consecução, operação que engloba delimitação e combinação (cf. Gaëlle-Toutain 2014).

A estreita relação entre classificação e analogia está reafirmada na recapitulação de Riedlinger sobre o tema.

A analogia é criativa mas antes ela deverá ser organizadora pela classificação dos materiais recebidos e armazenados. Essa classificação é o conjunto das atividades prévias mas necessárias no foro interior dos sujeitos falantes, a interpretação daquilo que foi recebido. É graça a essa interpretação (<...>)

que os materiais serão em seguida ordenados de uma maneira ou de outra na ocasião da fala. A classificação deve conduzir a uma análise <das palavras e das unidades inferiores> à palavra>. (Saussure/Riedlinger 1996: 71).<sup>14</sup>

A noção saussuriana de classificação passa por reelaborações e já no segundo curso se observa uma reformulação da classificação como funcionamento, pela qual ganha espaço a noção de valor no lugar da classificação interior.

A leitura das notas dos três cursos permite acompanhar a trajetória da reflexão saussuriana e, ao cotejá-los com a edição do CLG, lê-se neste último uma única ocorrência do termo classificação, em uma passagem de esclarecimento sobre a separação entre língua e fala e sobre a posição do falante na sua relação com a língua. Nessa relação, a classificação é mencionada como a única atividade de reflexão por parte do falante e o tratamento de seu funcionamento é remetido ao capítulo V da segunda parte do CLG, isto é, “Relações sintagmáticas e Relações associativas.” Trata-se pois de um movimento teórico do próprio autor, reafirmando a atividade gramatical da analogia como operação criativa que se dá nos mecanismos internos da língua e pela fala, como “(...) uma parte do mecanismo interior, aquela em que se realiza a combinação dos signos em sintagmas” (Godel 1969: 171).<sup>15</sup>

As duas citações a seguir trazem o excerto do CLG a que me referi e uma passagem do segundo curso de Saussure pelas notas de Riedlinger e Patois (1997), através da qual se pode observar um avanço na reflexão saussuriana. Passagem que provavelmente foi a fonte das observações de Amacker que citei há pouco.

Com o separar a língua da fala, separa-se ao mesmo tempo 1-o que é social do que é individual; 2- o que é essencial do que é acessório e mais ou menos acidental.

14. “Récapitulation: l’analogie est créatrice mais auparavant elle devra être organisatrice par le classement des matériaux reçus et emmagasinés. Ce classement est l’ensemble des opérations préalables mais nécessaires dans le for intérieur des sujets parlants, l’interprétation de ce qui a été reçu. C’est grâce à cette interprétation (<...>) que les matériaux seront ensuite mis en oeuvre d’une façon ou d’une autre à l’occasion de la parole. Le classement doit conduire à une analyse < des mots et des unités inférieurs> au mot.>”.

15. “ Mais la parole n’est pas identique à la phonation: elle est aussi une partie du mécanisme intérieur, celle où se réalise l’assemblage des signes en syntagmes”.

A língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação, e a reflexão nela intervém somente para a atividade de classificação, da qual trataremos na p.142 ss.(Saussure 2008: 22).

Em que consiste tudo que se encontra em um estado de língua? Dissemos que era um jogo de diferenças (vem do fato de a palavra ser arbitrariamente escolhida). Há permanentemente uma oposição de valores por meio de diferenças fônicas, mas trata-se sempre de diferenças que se manifestam em uma unidade relativa; no seio de uma unidade mais vasta que as reúne; temos subunidades < que se opõem entre elas>. Tudo remete às diferenças, tudo remete aos agrupamentos. Ora aqui é preciso propor uma distinção fundamental < - da qual eu nada disse até aqui-> se se quer dar um passo à frente: desde que se fala de grupo <na língua> há um equívoco que é preciso dissipar (...). Há duas maneiras para uma palavra ser vizinha, coordenada, aproximada, estar em contato com uma outra; pode-se chamar isso de dois lugares de existência das palavras, ou duas esferas de relações entre as palavras. Isso corresponde às duas funções que estão igualmente ativas em nós a propósito da linguagem. De uma parte existe o tesouro interior que equivale ao compartimento da memória: é o que se pode chamar o depósito; é um dos dois lugares, uma das duas esferas. É neste tesouro que está guardado tudo que pode entrar em atividade no segundo lugar; e o segundo lugar é o discurso, é a cadeia da fala (Saussure/Riedlinger et Patois 1997: 51-52).<sup>16</sup>

Associativo e sintagmático são, pois, os dois eixos que definem o mecanismo da língua e da cadeia da fala e do discurso; duas esferas

16. “Em quoi consiste tout ce qui se trouve dans un état de langue? Nous avons dit que c’était un jeu de différences (vient de ce que le mot est arbitrairement choisi!) Il y a perpétuellement une opposition de valeurs au moyen de différences phoniques mais il s’agit toujours de différences qui se manifestent dans une unité relative; au sein d’une unité plus vaste qui les réunit nous avons des sous-unités < qui s’opposent entre elles.> Tout revient à des différences, tout revient à des groupements. Or ici il faut poser une distinction fondamentale ← dont je n’ai rien dit jusqu’ici→ si on veut avancer d’un pas: dès qu’on parle de groupe < dans la langue> il y a une équivoque qu’il faut dissiper. (...) Il y a deux manières pour un mot d’être voisin, coordonné, rapproché, en contact d’un autre; on peut appeler cela les deux lieux d’existence des mots, ou les deux sphères de rapports entre les mots. Cela correspond à deux fonctions qui sont actives également en nous à propos du langage. D’une part il existe le trésor intérieur qui équivaut au casier de la mémoire: c’est là ce qu’on peut appeler le magasin; c’est un des deux lieux, une des deux sphères. C’est dans ce trésor qu’est rangé tout ce qui peut entrer en activité dans le second lieu; et le second lieu c’est le discours, c’est la chaîne de la parole.”

de relações que funcionam simultaneamente. É no jogo desse agrupamento que se dá a operação da analogia no seu caráter criativo, no qual o falante está implicado; ora como aquele que está inserido nos mecanismos internos da língua, ora como responsável por atos volitivos de natureza “extralinguística” (cf nota 12). Nesse último caso é que se entenderia melhor a menção à fala como “acessória e mais ou menos acidental” ( cf citação anterior do CLG).

Está assim parcialmente esclarecida a razão dos editores do CLG remeterem a atividade de classificação ao capítulo V, da segunda parte do Curso. Mas permanece sem esclarecimento o fato de se referirem à classificação como uma atividade de “reflexão”, quando são os mecanismos da língua que estão em questão e, frente aos quais, não há premeditação, como afirmado no próprio CLG.

Assim como a analogia, a associação tem, para Saussure, um vínculo com a gramática e, a tal ponto, que o vemos pôr em paralelo a atividade do falante e aquela do gramático, como se pode ler no trecho abaixo.

Entretemos uma ligação entre a associação e a gramática. Chegaremos a dizer que a soma das associações - conscientes ou não - bem estudadas, equivalerá às classificações conscientes, metódicas que o gramático poderá fazer, salvo por um único ponto; o gramático fará intervir a história. O agrupamento das formas tal como resultaria do passado, esse agrupamento é completamente ignorado pelo sujeito falante e força o gramático a estabelecer duas esferas distintas: 1- estudo da língua no tempo e 2- estudo da língua em uma época dada. (Saussure /Riedlinger, 1996: 66-67)<sup>17</sup>

A aproximação do falante e do gramático deixa entrever o que os distancia: se as associações do primeiro são “não conscientes”, “inconscientes”, ou “subconscientes” - como se leu anteriormente - as do gramático são necessariamente conscientes e metódicas e enquanto esse

---

17. Nous entrevoyons un lien entre l'association et la grammaire. On arrivera à dire que la somme des associations ←conscientes ou non→bien étudiées <équivaldra aux> classements conscientes, méthodiques que pourra faire un grammairien, sauf sur un <seul> point: le grammairien fera intervenir l'histoire . Le groupement des formes tel qu'il résulterait du passé, ce groupement est ignoré complètement du sujet parlant et force le grammairien à établir deux sphères distinctes: 1.étude de la langue dans le temps, et 2.étude de la langue à une époque donnée.

último considera também a língua no tempo - considera as formas do estado anterior- o falante ignora o passado. A criação se dá sempre a partir do material existente em um estado de língua, é eminentemente sincrônica, mas como princípio de criatividade ela se encontra também na articulação com a diacronia.

Nesse entroncamento com o eixo do tempo se torna visível a diferença entre a criação analógica do adulto, que pode vir a ser adotada pela língua, e aquelas da criança, que para Saussure não têm futuro na língua: “(...) só falta a essas formas analógicas (*traisait, viendre*) e a outras o acolhimento geral; em si elas são tão legítimas quanto outras que entraram na língua” (Saussure/Engler 1989: 384 verso [2567] IR).<sup>18</sup>

A adesão da massa falante, da comunidade, foi reconhecida por de Lemos (2006 [2000]) como um ponto teoricamente necessário na reflexão saussuriana para dar conta do que a autora chamou de “processos de identificação”; condição para a adoção da mudança fonética ou da criatividade analógica; para que um fato de fala se torne um fato de língua.

Por outro lado, isto é, pelo lado da criança, o destino de suas formas analógicas é outro: o sistema de valor em funcionamento na massa falante produz sobre essas formas uma mudança radical: o esquecimento da fala infantil pela aquisição da língua materna. Ela passa a se situar como sujeito falante em um estado de língua.<sup>19</sup> Essa é a razão de Saussure manifestar, sob o tema da analogia, interesse pelo destino da fala da criança.

O tema da analogia é palco de muitas outras indagações sobre o falante, quando estão em questão os fenômenos que constituem a

18. “Il n’a manqué à ces deux formes analogiques ( *traisait, viendre* ) et à d’autres que l’accueil général ; en soi elles sont aussi légitimes que d’autres qui sont entrées dans la langue”. Trata-se aqui de uma citação da edição crítica do GLG por Rudolf Engler (1989), vol. I . O livro é composto por colunas verticais contendo na primeira o texto do CLG, nas quatro seguintes as notas dos alunos e, na sexta, notas do próprio Saussure. Engler numerou todo o texto do Curso em versículos de 1 a 3281. As outras colunas alinham-se, pela numeração, àquela do Curso. A abreviação IR, indica que se trata do primeiro curso, com nota de Riedlinger.

19. Ver nota 7 e Pereira de Castro (2016) “Explorando a hipótese saussuriana sobre o esquecimento na língua e na literatura”.

criação diária e incessante na língua. Como o pensamento saussuriano oscila nesse propósito e as lições mais ricas sobre a analogia são as notas de Riedlinger, fonte quase exclusiva dos capítulos do CLG dedicados ao tema, tomo agora o estabelecimento do texto na edição crítica de Engler (*op.cit.*) como guia de leitura para acompanhar e confrontar as notas dos alunos com as escolhas dos editores do CLG, e do próprio Engler, e ainda com textos de outros intérpretes de Saussure, como os comentários de De Mauro na sua edição crítica do CLG (2005 [1967]).

Já nas primeiras reflexões de Saussure sobre a analogia, no Primeiro curso, uma nota de Riedlinger merece destaque na medida em que a menção ao falante não consta no CLG e está apenas parcialmente presente na edição de Engler.

Há fato, mudança analógica, quando uma forma tradicional existente é substituída por uma outra criada por associação. É uma criação feita livremente pelo espírito primeiro e pela língua em sequência. O princípio fundamental da mudança analógica é psicológico. (Saussure / Riedlinger 1996: 56).<sup>20</sup>

Só Riedlinger estende essa nota, que une no mesmo excerto o espírito precedendo a língua e a afirmação de que o princípio da analogia é psicológico.

Na filosofia antiga o termo espírito (*noûs*<sup>21</sup>, em grego) tem dois sentidos: “substância: espírito” e “faculdade mental: inteligência” e o termo *noûs* tem sido empregado, desde a sua origem, tanto no sentido metafísico, quanto no psicológico (cf.: Gobry 2007: 98). É nesse segundo sentido - como pensamento, inteligência - que Saussure qualifica a operação de analogia. De fato, o “psicológico”, no primeiro curso e na segunda conferência proferida Universidade de Genebra, serve a Saussure para opor a analogia ao fisiológico da mudança fonética. Esta última representa “operações mecânicas” enquanto a analogia,

20. « Il y a fait, changement analogique, quand à une forme traditionnelle existante on en substitue une autre créée par association. C'est une création librement faite par l'esprit d'abord et par la langue ensuite. Le principe fondamental du changement analogique est psychologique (...)».

21. Transliteração do grego por Zélia de Almeida Cardoso.

“operações inteligentes em que é possível descobrir um objetivo e um sentido” (Saussure 2004:139)<sup>22</sup>.

Mas a noção de valor, essencial para a definição da analogia como uma operação gramatical, vem derrubar a hipótese do pensamento precedendo a língua no movimento analógico na medida em que o quarto capítulo do CLG, pelo seu subtítulo, já anuncia a inextricável relação entre pensamento e linguagem: “A língua como pensamento organizado na matéria fônica”.

O papel característico da língua frente ao pensamento não é criar um meio fônico material para a expressão das ideias, mas servir de intermediário entre o pensamento e o som, em condições tais que uma união conduza necessariamente a delimitações recíprocas de unidades. (Saussure 2008:131).

É importante frisar que tudo nessa relação é de ordem psíquica; lê-se no terceiro curso: « A imagem verbal, acústica, é o som transformado em sensações psíquicas. É tão psíquica quanto o conceito a ela ligado. O conceito e a imagem acústica são igualmente psíquicos ». (Saussure/Engler 1989 III C 206: 38). Mais tarde, no mesmo curso, essa questão retorna. No CLG ela se estende longamente, mas não há menção à afinidade entre a língua – na ordem psíquica dos seus signos – e as outras realidades psíquicas, como se lê nas notas de Constantin. Por isso os signos são também espirituais, agora em uma dimensão que não é apenas do pensamento, da inteligência, mas de todo o psiquismo do falante;<sup>23</sup> abrangência contida na noção de espírito tal como definida anteriormente.

Na língua temos um objeto feito de natureza concreta. Esses signos não são abstrações por mais espirituais que sejam. O conjunto das associações ratificadas socialmente, que constitui a língua, tem a sua sede no cérebro; é um conjunto de realidades semelhantes às outras realidades psíquicas. (Saussure /Engler III C 263-265: 44).<sup>24</sup>

22. Segunda conferência proferida na Universidade de Genebra em 9 novembro de 1891.

23. Cf. Pierre Haddot (2014).

24. “Dans la langue nous avons un objet, fait de nature concrète. Ces signes ne sont pas des abstractions, tout spirituels qu’ils soient. L’ensemble des associations ratifiées socialement qui constitue la langue a son siège dans le cerveau; c’est un ensemble des réalités semblables aux autres réalités psychiques.”

Sem a devida atenção ao capítulo do valor é difícil acompanhar as oscilações entre os termos psicológico e psíquico, consciência e inconsciência do falante no procedimento analógico.

Em uma longa nota de Riedlinger, que foi pouco aproveitada pelos editores no CLG, o falante é caracterizado como o desencadeador não intencional do processo analógico, já que está submetido ao esquecimento. Essa passagem é essencial ao entendimento da afinidade da língua, na sua natureza psíquica, com as outras realidades psíquicas; o esquecimento, como fenômeno psíquico, afeta todo falante. Mas no texto é ainda o termo psicológico que sustenta argumentação.

(...) estamos lidando com um *fenômeno psicológico*; ninguém o contesta. < **Mas** > convém enfatizar nessa ocasião o caráter de ino/vação [20], < de criação e não de mudança > do fenômeno analógico. Com efeito falsearíamos toda a psicologia apresentando a analogia como uma intenção dos sujeitos falantes. < A analogia > supõe um esquecimento momentâneo da antiga forma para que a nova surja, < não há portanto > oposição, modificação (Saussure/Engler 1989-IR 2511: 373 verso).<sup>25</sup>

Ainda na preocupação de distinguir a mudança fonética da analogia Saussure reconhece que a primeira pode, em certos casos, se configurar como fenômeno psicológico, como naqueles de imitação por moda. O que poderia levar à ilusão de uma afinidade com a analogia. É preciso então determinar o que realmente as distingue. A resposta é a ordem gramatical. E conclui:

É preciso < se aproximar mais dele [do fenômeno analógico] e dizer que a criação analógica é > *da ordem gramatical*, isto é, toda operação desse gênero **supõe < a consciência, a compreensão de uma > relação < das > formas < entre elas >** o que implica que se considere as formas associadas às ideias que elas exprimem. Ora o sentido, **a ideia não está para nada no fenômeno fonético**. Portanto, dizendo *gramatical* temos um epíteto que não

25. “ (...) Nous avons affaire à un *phénomène psychologique* ; personne ne le conteste < **Mais il** > convient d’appuyer à cette occasion sur le caractère de inno/vation , < de création et non pas de changement > du phénomène analogique. En effet, on fausserait toute la psychologie en présentant < l’analogie comme une > intention < des sujets parlants >. L’analogie suppose un oubli momentonné de l’ancienne forme pour que la nouvelle surgisse, < il n’y a donc pas > opposition, modification.

poderá se aplicar ao fenômeno fonético. (Saussure/Engler 1989 IR 2512: 373-374 verso).<sup>26</sup>

Enquanto nessa passagem o “gramatical” se relaciona com “consciência” e “compreensão”, um pouco mais adiante essa ordenação se desfaz e a relação entre pensamento e linguagem, entre fatos de língua e a fala, retorna em um universo eminentemente psíquico, de um fazer com a língua que não passa pela consciência. Assim se lê no GLG: “(...) Toda criação deve ser precedida de uma comparação inconsciente dos materiais depositados no tesouro da língua, onde as formas geradoras se alinham de acordo com suas relações sintagmáticas e associativas (Saussure 2008: 192)<sup>27</sup>

Desse modo, há uma parte do fenômeno que se realiza antes de aparecer a forma nova. A língua mantém uma atividade contínua de decomposição e reconstrução das unidades que contém tanto as possibilidades de um falar conforme ao uso, como também todas as possibilidades das formações analógicas; falas que rompem com a linguagem ordinária, como é o caso da poesia e da fala da criança.

Saussure parece surpreendido pelo próprio encaminhamento dado ao problema da analogia e se pergunta se é pela hipótese da análise e reconstrução que se deve explicar a criação de uma palavra, ou simplesmente pela quarta proporcional. “se a quarta proporcional é uma explicação suficiente para que uma hipótese de uma análise dos elementos?” (Saussure 2008:194)<sup>28</sup>. Reconhece o conflito entre as duas concepções e a questão permanece de certo modo aberta; ele afirma apenas que segundo a tendência dominante de cada grupo linguístico os teóricos tomarão um ou outro caminho.

Volto ao texto de Riedlinger em que é retomada a atividade inconsciente de comparação; não há mais retorno à consciência do falante.

26. **Il faut** < le serrer de plus près et dire que la création analogique est d’> *ordre gramatical*, c’est-à-dire que toute opération de ce genre **suppose** < **la concience, la compréhension d’un > rapport** < de> **formes** < **entre elles** > <ce> qui implique qu’on considère les forme conjointement aux idées qu’elles expriment . Or le sens, **l’idée n’est pour rien dans le phénomène phonétique**. Donc, en disant *gramatical*, nous avons une épithète qui ne pourra pas s’appliquer au phénomène phonétique.

27. Em Saussure/Engler 1989, p.375verso, 2521.

28. Em Saussure/Engler1989, p. 379verso, 2539.

Todos <os> fatos de linguagem, < os fatos evolutivos sobretudo,> obrigam a que sejam postos frente à fala de uma parte e de outra parte frente ao reservatório das formas pensadas ou conhecidas do pensamento. É preciso um ato <inconsciente> de comparação não apenas para criar, mas para compreender as relações. Qualquer palavra só consegue enunciar/dizer alguma coisa para o espírito porque ela é imediatamente comparada com tudo que poderia significar qualquer coisa de ligeiramente diferente (...).

Se é verdade que temos sempre necessidade do tesouro da língua para falar, reciprocamente, tudo que entra na língua foi antes ensaiado na fala um número suficiente de vezes para que disso resultasse uma impressão durável. (Saussure/Engler 1989, IR 2521-2522: 375 verso).<sup>29</sup>

Se por um lado o falante é visto como procedendo por um “ato inconsciente de comparação”, por outro, encontramos a menção a uma “consciência da língua”.

(...) a língua tem consciência não apenas dos elementos, *mas também <da influência> que eles exercem uns sobre os outros* quando são postos em uma certa ordem; a língua tem o sentimento *do seu sentido lógico*, da sua ordem. *A sintaxe interior da palavra é abstraída da comparação das formas como também os <próprios> elementos.* (Saussure/Engler 1989: I R 2538: 379 verso).<sup>30</sup>

Quanto ao falante, entre idas e vindas do autor, assiste-se com a última hipótese uma reformulação sobre a sua posição no universo psíquico da língua, já que o esquecimento promove uma atividade

29. Tous < les> faits de langage, < les faits évolutifs surtout, >force<nt> de se placer en face de la parole d’une part e d’autre part du réservoir des formes pensées <ou> connues de la pensée. Il faut un acte < inconscient> de comparaison non seulement pour créer mais pour comprendre les rapports. N’importe quel mot n’arrive à enoncer quelque chose pour l’esprit que parce qu’il est comparé immédiatement avec tout ce qui pourrait signifier quelque chose de légèrement différent . S’il est vrai que l’on a toujours besoin du **trésor de la langue** pour parler, réciproquement, tout ce qui entre dans la langue a d’abord été essayé dans la parole un nombre de fois suffisant pour qu’il en resulte une impression durable; la langue n’est que la consécration de ce qui avait été évoqué <par> la parole.

30. (...) la langue a la *conscience* non seulement des éléments mais *aussi de < l’influence > qu’ils exercent les uns sur les autres* quand on les place dans un certain ordre; la langue a le sentiment de leur *sens logique, de leur ordre*. *La syntaxe intérieure du mot* est abstraite de la comparaison des formes aussi bien que les éléments < eux mêmes>.

inconsciente de comparação dos elementos, guiada pela “consciência da língua”.

Vejo como plausível dizer de que nessa longa reflexão sobre a analogia Saussure caminha para “tocar com o dedo o jogo do mecanismo linguístico” (Saussure/Engler 1989, p. 375 verso), pelo qual se revela a consciência da língua, “seu sentido lógico e sua ordem”; uma instância psíquica que se dá ao sujeito falante sob a forma de um saber, no momento mesmo em que ele falha, isto é, esquece.

Não estaríamos aqui em um ponto de convergência com a teoria freudiana, cuja obra Saussure não dá sinais de ter conhecido?

Um comentário do linguista Tullio de Mauro sobre o funcionamento do eixo associativo vai nessa mesma direção. Na já tão conhecida passagem do CLG em que Saussure (2008 [1916]) afirma que um dado termo é como “o centro de uma constelação, o ponto para onde convergem outros termos coordenados cuja soma é indefinida”, De Mauro comenta: “a teoria freudiana do *lapsus linguae* pode ser considerada como uma confirmação clínica da hipótese linguística de Saussure”.<sup>31</sup>

Há muito que percorrer nesse sentido, a ponte lançada entre os dois domínios não é facilmente transposta, mas o comentário do linguista sugere que se a analogia é um princípio que não cessa de agir na história das línguas, ela também nos revela sobre a posição do falante no universo psíquico da língua, sujeito ao esquecimento e, por isso, à criação analógica, ao lapso; porque há inconsciente e pelo próprio fato de ser falante.

Recebido em: 27/12/2016  
Aprovado em: 17/05/2017  
E-mail: fausta@uol.com.br

31. “La théorie freudienne des lapsus peut être considéré comme une confirmation clinique de l’hypothèse linguistique de Saussure”.

## Referências

- AMACKER, Robert. 1975. *Linguistique saussurienne*. Genève: Droz.
- DE LEMOS, Cláudia Thereza G. 2006. Uma crítica (radical) à noção de desenvolvimento na aquisição de linguagem. In: LIER-DE VITTO, Maria Francisca e ARANTES, Lúcia. *Aquisição, Patologias e Clínica de Linguagem*. São Paulo: Fapesp, Editora Puc-SP. p. 21-32.
- GOBRY, Ivan. 2007. *Vocabulário grego de filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.
- GODEL, Robert 1969 [1957]. *Les Sources manuscrites du Cours de Linguistique Générale de F. de Saussure*. Genève: Librairie Droz.
- HADOT, Pierre. 2014[2002]. *Exercícios espirituais e filosofia antiga*. Tradução de Flávio F. Loque e Loraine Oliveira. São Paulo: É Realizações Editora.
- PEREIRA DE CASTRO, Maria Fausta. 2006. Língua materna e os destinos da fala infantil. Aula apresentada para cumprimento da prova didática do concurso público para provimento do cargo de professora titular do Departamento de Linguística do IEL/UNICAMP (inédito).
- PEREIRA DE CASTRO, Maria Fausta. 2010. Saussure e o necessário esquecimento da fala infantil: uma leitura para a aquisição de linguagem. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n. 52(1): 91-102.
- PEREIRA DE CASTRO, Maria Fausta. 2016. Explorando a hipótese saussuriana sobre o esquecimento na língua e na literatura. In: ABRAHÃO E SOUZA, Lucília Maria; NAGEM, Glaucia; BALDINI, Lauro. *A palavra de Saussure*. São Carlos: Pedro & João Editores.
- SAUSSURE, Ferdinand. 2008 [1916]. *Curso de Linguística Geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. São Paulo: Cultrix.
- SAUSSURE, Ferdinand. 1996. *Premier cours de linguistique générale (1907) – d’après les cahiers d’Albert Riedlinger / Saussure’s first course of lectures on general linguistics (1907) – from the notebook of Albert Riedlinger*. Texto francês editado por Eisuke Komatsu, tradução para o inglês de George Wolf. Oxford: Pergamon.
- SAUSSURE, Ferdinand. 1997. *Deuxième cours de linguistique générale (1908-1909) – d’après les cahiers d’Albert Riedlinger et Charles Patois / Saussure’s first course of lectures on general linguistics (1908-1909) – from the notebook of Albert Riedlinger et Charles Patois*. Texto francês editado por Eisuke Komatsu, tradução para o inglês de George Wolf. Oxford: Pergamon.

- SAUSSURE, Ferdinand. 1989 [1968]. *Cours de linguistique générale*. Edição crítica de Rudolf Engler, vol.1. Wiesbaden: Otto Harrassowitz.
- SAUSSURE, Ferdinand. 2005. *Cours de linguistique générale*. Edição crítica de Tullio de Mauro. Tradução das notas de Tullio de Mauro para o francês por Louis Jean-Calvet. Paris: Payot.
- SAUSSURE, Ferdinand. 2004[2002]. *Escritos de Linguística Geral*. Tradução de Carlos Augusto Salum e Ana Lúcia Franco. Organização e edição de Simon Bouquet e Rudolf Engler. São Paulo: Cultrix.
- TOUTAIN, Anne-Gaëlle. 2014. Système et organisation: la pensée prise dans le langage. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, 67 (131-144). Genève: Librairie Droz.